

NOTAS DE LEITURA

DYONÉLIO MACHADO: NA AMBIGÜIDADE, O MIMÉTICO

Cecília Zokner*

É um dos maiores romancistas brasileiros e ainda quase um desconhecido entre aqueles que lêem no país: Dyonélio Machado, nascido em Quaraí, então uma pequena cidade de menos de 20 mil habitantes no extremo sul do Brasil, em 21 de agosto de 1895, órfão de pai, assassinado quando tinha sete anos, começando a trabalhar aos oito para ajudar a mãe.

Artur Madrugá, que em setembro de 1986 escreve a primeira biografia de Dyonélio Machado,¹ numa curiosa síntese sobre a profissão que exerceu, disse que na medicina ele teve o seu sustento, na política o seu tormento e na literatura seu alimento.

Médico, introdutor da psiquiatria no Rio Grande do Sul, trabalhou durante trinta anos como psiquiatra ou como diretor no Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre, foi deputado comunista na Assembléia Legislativa de seu Estado e autor de ensaios e de romances.

Seu primeiro livro publicado, *Política contemporânea*, é de 1923; seu segundo, um volume de contos, *Um pobre homem*, de 1927. De 1933 é *Uma definição biológica do crime*, sua tese, e de 1935, *Os ratos*.

* Universidade Federal do Paraná

1 MADRUGA, Artur. *Dyonélio Machado*. Porto Alegre: Tchê, 1986.

Considerado seu melhor romance, sua obra definitiva, parece impossível falar de Dyonélio Machado sem fazer a ela uma referência. “Sou o romancista de um romance só”,² disse uma vez com algo de melancolia. A opinião da crítica e as dezessete edições que se sucederam soem lhe dar razão, assim como o prêmio recebido em 1935. Para concorrer ao Concurso da Companhia Editora Nacional de São Paulo, escreveu em cinco horas de vinte noites o romance cuja concepção havia durado nove anos.

O júri, por entender que, entre as obras que se apresentaram, quatro estavam em igualdade de condições, outorgou o Primeiro Prêmio do Romance Machado de Assis a essas quatro. Uma delas era *Os ratos*, de Dyonélio Machado.

Curiosamente, ele soube da premiação na escala que o Itaimbé, barco de carga, fez no porto de Santos. Estava preso nos porões, juntamente com outros vinte levados, como ele, para as cadeias do Rio de Janeiro. Um servente fez a gentileza de levar-lhe um jornal, *Tribuna de Santos*, que noticiava não somente o seu traslado como prisioneiro político como a premiação do romance.

Em 5 de julho de 1935, sob sua presidência, fora instalada no Rio Grande do Sul a Aliança Nacional Libertadora, cujo programa era combater o imperialismo anglo-americano e o fascismo. Fundada segundo o modelo das fontes liberais da Europa, no Brasil era presidida por Luiz Carlos Prestes e fazia uma franca oposição ao governo de Getúlio Vargas. A conclamação de Luiz Carlos Prestes ao povo para escolher o caminho da revolução deu a Getúlio Vargas a oportunidade para, em nome da segurança nacional, fechar-lhe a sede nacional e as sedes regionais e para prender seus dirigentes.

Como protesto, o Núcleo dos Gráficos de Porto Alegre decidiu por uma greve de 24 horas. Sua articulação foi feita por Dyonélio Machado, o que resultou na sua prisão.

Solto por *habeas corpus*, não tinha licença para se afastar da cidade, mas o faz para tratar de uma sobrinha numa cidadezinha próxima. Ao voltar, contaminado pela difteria, doença que matou a menina, tinha rebentado a Intentona Comunista, insurreição armada para levar a Aliança Nacional Libertadora ao poder, ocorrida no dia 27 de novembro de 1935 no Rio de Janeiro, Natal e Recife. Dyonélio Machado é preso outra vez e enviado ao Rio de Janeiro, onde permanece um ano na cadeia.

Posto em liberdade, torna ao sul, à pequena cidade onde o esperavam sua mulher e os filhos, e ao retornar a Porto Alegre o faz justamente no dia em que Getúlio Vargas instaura a ditadura no país. Dyonélio Machado decide que não será preso outra vez e foge pelo litoral, buscando proteção em casa de amigos.

2 MACHADO, Dyonélio. *O cheiro da coisa viva*. Rio de Janeiro: Graphia, 1995. p. 27.

Quando a situação se tranqüiliza, é reintegrado nas suas funções do Hospital Psiquiátrico e retoma sua vida de médico, escritor e jornalista.

Então, adocece gravemente. Uma cardiopatia o mantém meses na cama. Desafiado pela morte, escolheu viver e sublimou o mal escrevendo um livro. Muito fraco para fazê-lo ele mesmo, ditava para a mulher e para a filha e logo os amigos datilografavam o texto, um romance chamado *O louco do Cati*, publicado em março de 1942.

Já curado, escreve *Desolação* (1944) e *Passos perdidos* (1946). No ano seguinte, o então presidente do Brasil, General Eurico Gaspar Dutra – o de “olhos de porco selvagem” do *Canto general* de Pablo Neruda – proíbe a existência do Partido Comunista, e Dyonélio Machado, que tinha se feito comunista na prisão e que nessa data era deputado da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, perde seu mandato.

Retira-se, então, da vida político-partidária e da vida literária – a crítica ignorava seus romances, os editores se negavam a publicar seus livros – e se dedica a cuidar dos doentes e a escrever.

Retornará ao cenário literário vinte anos depois, ao ser reeditado o seu romance *Os ratos*. Publica um novo romance, *Deuses econômicos*, faz crítica literária, recebe prêmios e homenagens. Ou seja, é redescoberto na década de 70, exatamente no ápice da violenta repressão que dominava o país.

Em 1981, publica *Nuanças*, que no ano seguinte recebe o prêmio Fernando Chinaglia da União Brasileira de Escritores.

Dyonélio Machado tem 86 anos e, com essa obra, completa a história que iniciara em 1942 com *O louco do Cati* e que continuara em 1944 e 1946, respectivamente com *Desolação* e *Passos perdidos*.

São romances, como muito bem o disse a professora Maria Zenilda Grawunder no número 10 dos *Cadernos Porto & vírgula*³ (Porto Alegre, 1995), “estruturalmente autônomos, tanto que publicados em diferentes épocas mas que apresentam entre si detalhes de unidade temática e metafórica, reiteração de personagens, elementos simbólicos e históricos, e uma narrativa continuada”.

Em *O louco do Cati*,⁴ a viagem do Louco, iniciada num bonde de Porto Alegre e terminada depois de passar por muitas cidades, exatamente no lugar que desde criança lhe alimentava o medo, é um fio condutor de quadros breves, cenas cotidianas de vida muito simples. Pobres aventuras. Momentos passageiros, situações, personagens, mostram a realidade, um trato social que se nutre das já conhecidas e como que imutáveis discrepâncias. A viagem se inicia numa

3 GRAWUNDER, Maria Zenilda. Nas asas do Borboleta: alegoria dyoneliana. *Cadernos Porto & vírgula*, Porto Alegre, UE/Porto Alegre, p. 30, 1995.

4 MACHADO, Dyonélio. *O louco do Cati*. Porto Alegre: Globo, 1942.

sexta-feira 13, por insistência de Norberto, e seu destino era o litoral e para aí vão. além de Norberto, Leo, Luiz, Maneco Manivela e o Louco que se juntara ao grupo. Quando se propõe voltar, Norberto anuncia que vai ficar mais tempo com o Louco. Os outros voltam para a cidade. Assim termina o 12.º capítulo de *O louco do Cati*. Nos seguintes, Norberto e o Louco continuarão sua viagem para o norte e dos outros nada mais irá se saber.

Em 1944, dois anos depois, publicado pela José Olympio do Rio de Janeiro, aparece *Desolação*,⁵ romance que irá contar a continuação da viagem de Leo, Luiz e Maneco Manivela. No primeiro capítulo, eles estão numa pequena localidade a caminho de Porto Alegre e o caminhão em que viajam tem problemas sérios de mecânica. Todo o romance parece se construir nessa busca de solução para poder continuar a viagem.

*Passos perdidos*⁶ será publicado em 1946. Maneco Manivela, recém-chegado em São Paulo, vem do Rio de Janeiro, onde estivera preso por dois anos. Na cidade grande e desconhecida, como que se repetem suas últimas horas de liberdade quando na cidadezinha procurava resolver o problema do caminhão.

Em *Nuanças*⁷ (1981), refaz sua vida e um reencontro amoroso o destina a ser feliz. Um romance romântico – assim o define o autor – no qual, como nos três que o antecederam, não se escondem nem a repressão, nem o arbítrio, nem a delação. Principalmente onde emergem o medo a insegurança, também presentes nos outros três romances, o que era característico desse momento em que a ditadura de Getúlio Vargas, segundo palavras do romancista, “segurando o látego”, permitia a seus esbirros, “comandados pelo esbirromor na pessoa do presidente da república”, exclamar a cada golpe: “a reação é sórdida”!⁸

Dyonélio Machado, ao usar tais expressões – esbirros, látego, reação sórdida – sabia perfeitamente ao que estava se referindo quando escreveu suas memórias e não há dúvida que enraizou nas suas experiências de perseguido por “delito de opinião”⁹ esses quatro romances.

Disse uma vez (*O cheiro da coisa viva*, 1995) que procurou sempre “o dramático no trivial”.¹⁰ E algo muito simples parece ser o argumento dos quatro romances em questão: sempre uma procura, um fugir, em que os quadros se sucedem feitos de pequenos detalhes, de pequenos gestos, tipos humanos apenas esboçados, inconfundível e determinado espaço: uma geografia do país que se

5 MACHADO, *Desolação*. São Paulo: Moderna, 1981.

6 *Id.*, *Passos perdidos*. São Paulo: Moderna, 1981.

7 *Id.*, *Nuanças*. São Paulo: Moderna, 1981.

8 MACHADO, Memórias de um pobre homem. In: _____. *O cheiro da coisa viva*.

Rio de Janeiro: Graphia, 1995. p. 111.

9 *Ibid.*, p. 130.

10 *Id.*, Sobre os ratos. In: _____. *O cheiro...*, p. 23.

completa com a presença de algo ameaçador, por vezes indefinível. A repressão cuidadosa, limitada como que um ser e um não-ser. Para expressá-lo, Maneco Manivela é um personagem perfeito. Seja por sua posição social, por sua maneira de ser ou por suas relações com o “movimento”.

A observação de um dos recursos romanescos de que se serviu Dyonélio Machado para construir em *Desolação* esse personagem e a atmosfera que desenha o país irá mostrar como, nesse romance, a ambigüidade pode se constituir um traço esclarecedor. Um traço que aparece pela primeira vez no terceiro capítulo de *O louco do Cati*. A viagem tinha começado. No caminhão, perto do motorista, viajavam Norberto e o Louco. Atrás, na carroceria, os outros dois. Norberto quer saber o nome de quem havia perguntado algo. O motorista a ele se dirige para saber como se chama e ele assoma, “uma cara malandra e ainda moça enquadrou-se na janelinha” para responder. Nos doze primeiros capítulos do livro ele será apenas figurante, como também o serão Leo e o motorista. Irão desaparecer do romance.

Desolação começa com a frase “Cuidado! Ele é um provocador!”, pronunciada pelo homem alto para Maneco Manivela. Ele sabe bem o significado da palavra ao designar “[...] um sujeito que tem ligação com a polícia. Na realidade, um policial.” Tinha aprendido isso com um rapaz que viera do Rio de Janeiro para “instruí-los” numa reunião clandestina, e falara dos policiais, dos delatores, dos espíões.

Maneco Manivela se dera conta do caso em relação a Norberto, de sua pressa em deixar Porto Alegre, em continuar sempre em frente, mas não pensara, então, no perigo que daí, dessa viagem feita com ele, pudesse advir.

Chegara com dois companheiros para passar a noite no hotel e seguir viagem para Porto Alegre logo que pudessem arrumar o caminhão, quando recebe o aviso do desconhecido.

O romance está feito de suas andanças para o concerto do caminhão e, a partir de um certo momento, de seu medo de ser preso.

Sim, tinha participado de uma reunião clandestina e lido folhetos comprometedores; sim, tinha contribuído para livrar da prisão um militante. Mas, sem conhecer os planos de Norberto, levará-o até o litoral e, sem entender por que, recebera do doutor Matos o livro de presente.

Alto e magro, musculoso, cabelo liso e sorriso de dentes brancos, é um mecânico satisfeito de sua vida cotidiana: trabalho, um banho, a comida na casa de pensão e esses momentos de conversa com os amigos nas esquinas. Conhece algo do “movimento” (que precisa de gente, que os que dele fazem parte são considerados loucos ou utópicos); sabe um pouco da repressão (perseguições, prisões). “Mas essas notícias lhe chegavam em pleno trabalho, em plena vida. Não lhe interessavam muito especialmente.”

Assim, será somente a partir da recomendação daquele que depois irá saber ser o doutor João Antonio de Matos que se iniciará sua trajetória de homem seguido pela polícia ou de homem que se acredita seguido pela polícia. E que se deixa dominar pelo medo. Um medo traduzido em sensações – como que uma presença de gelo cerrando-lhe o peito, como que uma ausência de sangue na superfície do corpo – e em imagens ditadas por sua imaginação.

Imagina o elemento provocador, rodeado de polícias, dando-lhes as informações sobre ele, ou conduzindo a polícia onde ele está para designá-lo de longe; ou o que as pessoas já pensam dele: “Maneco é perigoso. Olho nele.”¹¹ Ou, ainda, essa naturalidade dos policiais ao falar dele: “Me trouxeram alguma outra novidade sobre o Maneco?”¹² E imagina o momento de sua prisão ou o momento em que seu nome é pronunciado no salão de audiências. Vê-se entre conspiradores, vê-se recebendo lições de tática. Vê seu nome numa lista de contribuintes para o Partido e a lista nas mãos da polícia.

E tanto como imagina, Maneco Manivela supõe. Que o empregado que vai chamá-lo no seu quarto, a mando do patrão, é um espião; que o dono do hotel suspeita dele; que o novo hóspede recém-chegado é um polícia porque tem um ar de vigilância, e essa qualidade, no seu entender, é própria da profissão; supõe que o cozinheiro olha para ele de um modo estranho; que os passos que se aproximam de seu quarto são da polícia, que a polícia o vigia e espera por ele diante de seu quarto ou diante da porta do hotel ou na gerência, impaciente com a demora. Que o segue pela rua, na estrada, ou procura por ele na cidade vizinha. E supõe táticas da polícia, supõe as informações que deve ter para continuar a fazer prisioneiros.

Assim, ao imaginar coisas e supor outras, cria uma realidade que não é necessariamente aquela dos fatos, e o relato, ao se fazer a partir do que ele pensa ou sente, se enche de incertezas que o uso do verbo *parecer* e do advérbio *talvez* tornam evidentes.

Por vezes, tem uma impressão errônea. Quando escuta, por exemplo, uma respiração do outro lado da porta onde não há ninguém. Ou quando acredita que são dois os agentes de polícia que o vigiam e, na verdade, o segundo jamais estará presente.

Outras vezes, tem muitas dúvidas: talvez a polícia já esteja perto da sua porta; talvez ele não possa mais sair do hotel, talvez o empregado não seja o espião que imaginava, ou talvez seja exatamente ele o causador da prisão do doutor Matos. Talvez encontre todos – a polícia, seus companheiros, o dono –

11 MACHADO, *Desolação*. São Paulo: Moderna, 1981. p. 160.

12 *Ibid.*, p. 160.

na gerência do hotel à espera para prendê-lo. Também Maneco Manivela muito ignora. Porque é espionado, a razão do interesse do doutor pela sua pessoa ao preveni-lo sobre o delator. Ignora, igualmente, a razão que levou o considerado delator a contar-lhe as suas ações subversivas que praticou e a prisão que sofreu. Desconhece o trabalho do doutor Matos e desejaria saber mais sobre ele e como e onde acabou sendo preso.

Ao imaginar, supor, desconhecer, oferece informações insuficientes ao relato. Na sua história não é possível saber se o empregado o espiona ou não; se o dono do hotel suspeita dele ou se o cozinheiro tem suas desconfianças; se a polícia o está verdadeiramente seguindo ou se são casuais esses repetidos encontros, para ele tão assustadores.

Considerando-se vigiado, vítima de suspeitas ou de acusações, Maneco Manivela percorre um itinerário alimentado, sobretudo, por ambigüidades.

Elas se estabelecem ao se entrelaçar o que corresponde a uma realidade – a existência do “movimento” e da repressão, a presença da polícia no hotel, as prisões efetuadas – e os procedimentos diante dessa realidade que seu temperamento com as mudanças de humor, os desejos de violência e o deixar-se dominar pelo desespero levam ao paroxismo de incendiar o caminhão, num ato de múltiplos significados. Assim termina *Desolação*.

No romance publicado dois anos mais tarde, *Passos perdidos*, será dito que fora preso por ter incendiado o caminhão. Mas já então comprometido politicamente, procura o homem do Partido que deveria ajudá-lo a continuar a viagem para o sul. O romance se faz inteiramente dessas caminhadas pela cidade em busca de meios para pagar a pensão, a passagem de trem, a fiança exigida para continuar em liberdade.

Somente 35 anos depois, com a publicação de *Nuanças*, em que vive sua história de amor e seus problemas de membro de um partido político ilegal, virá a informação de que nada existia sobre ele para incriminá-lo, e as últimas linhas do romance mostram-no começando uma vida de tranqüila felicidade.

São evidentes nos quatro romances os momentos cuja gênese se encontra inegavelmente nas vivências pessoais do autor. Ao precisar uma data (18 de dezembro de 1935), esse tempo e esse espaço (Águas Claras é o lugar e ele existe no mapa do Brasil) deixam bem claro de quando e de onde são os fatos que narra. Ao fazê-los presentes em seu mundo ficcional, Dyonélio Machado não somente o enriqueceu com perfis de rara profundidade psicológica como demonstrou sua maestria ao se servir de recursos narrativos que tornam o texto extremamente instigador e ao diluir esse documental em magníficas sugestões que sinuosamente, em avanços e recuos, mostram o pedaço do país que então se movia nas sombras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Maria Helena Saldanha. *Dyonélio Machado*. Org. de Márcia Helena Saldanha Barbosa e Maria Zenilda Grawunder. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1995.
- GRAWUNDER, Maria Zenilda. Nas asas do Borboleta: alegoria dyoneliana. In: *Cadernos Porto & vírgula*. Porto Alegre: UE/Porto Alegre, 1995. p. 30.
- MACHADO, Dyonélio. *O cheiro da coisa viva*. Org., introd. e notas de Maria Zenilda Grawunder. Rio de Janeiro: Graphia, 1995. 268 p.
- _____. *O louco do Cati*. Porto Alegre: Globo, 1942.
- _____. *Desolação*. São Paulo: Moderna, 1981. 231 p.
- _____. *Nuanças*. São Paulo: Moderna, 1981. 218 p.
- _____. *Passos perdidos*. São Paulo: Moderna, 1982. 181 p.
- MADRUGA, Artur. *Dyonélio Machado*. Porto Alegre: Tchê, 1986. 60 p.